

Considerações políticas sobre o XIV Congresso do PCB

Achille Lollo

O objetivo estratégico que unifica os diferentes centros de excelência do neoliberalismo – sejam eles do Primeiro mundo ou do Terceiro – consiste na manutenção, por diferentes meios, da luta ideológica contra os conceitos revolucionários do marxismo e do leninismo, tentando, sempre de desqualificar, em termos ideológicos históricos e políticos, as lutas dos trabalhadores, os movimentos de libertação, as experiências internacionalistas e todos os processos revolucionários que se propõem lutar contra o imperialismo.

De Berlusconi a Obama, passando pela chilena Michelet e o sul-africano Zuma, e, portanto por todos os líderes de governos e de partidos que alimentam a afirmação do capitalismo nas suas principais facetas (globalização, sociedade de mercado, neoliberalismo, imperialismo), estão firmemente empenhados na manutenção desta luta ideológica e política, cujo inimigo principal é o comunismo.

Neste sentido é necessário especificar que a preocupação dos teóricos do capitalismo não é com o regresso dos órfão da URSS, da China maoísta. Eles não estão preocupados com os nostálgicos de regimes que para salvar suas nomenclaturas desconstruíram o comunismo e a revolução priorizando, apenas, o sectarismo e o aparelhismo burocrático pseudo-partidário.

Hoje, a preocupação principal do establishment capitalista e sobretudo dos grupos de poder do imperialismo estadunidense é evitar que as massas de trabalhadores — exploradas vilmente através do trabalho precário e flexibilizado e, a seguir, manipuladas com a lógica do assistencialismo material e espiritual — encontrem instrumentos teóricos para promover um novo tipo de organização política cujo objetivo final e determinante é a construção de um sistema de lutas diferenciadas capazes de promover a ruptura em uma dimensão planetária.

Não há dúvida de que somente o comunismo possui um potencial ideológico, histórico e político capaz de propor e definir a construção de um processo revolucionário que para os defensores do capitalismo é o pior inimigo não só por propor sua derrota, mas, sobretudo, para propor a humanidade a necessidade de construir um novo tipo de sociedade com um novo tipo de trabalho e, sobretudo, um novo tipo de relações entre os homens e as mulheres, quebrando tabus, fetiches e dogmas de todo tipo. Enfim, o comunismo é a nova utopia libertadora.

Pessoalmente, após várias experiências políticas e partidárias (o Poder Operário na Itália, o MPLA-PT em Angola, o PT e o PSOL no Brasil), acredito que a organização do Partido do Comunista Brasileiro é de fundamental importância por ele ser uma infra-estrutura política crítica que não está inserida no sistema eleitoral burguês, mas, sim, que se move no contexto das lutas do movimento popular.

Se, hoje o partido não é uma máquina eleitoral, também, ao crescer não deve entrar nesse tortuoso e desvirtuante caminho onde vontade política das bases e a militância dos quadros são esmagados e silenciados porque a

nova prioridade conjuntural é “fazer crescer o partido a cada dois anos pela via eleitoral”. Rejeitar o anacrônico sistema eleitoral burguês, não significa que o partido deve renunciar a oportunidade de utilizar esse meio para divulgar a imagem e os conteúdos do próprio partido na sociedade. De fato, trata-se de uma opção pragmática e tática que, evidentemente não deve se tornar regra que depois vai fixar novos comportamentos políticos que distanciam o partido da teoria revolucionária para começar o lento e gradual processo de inserção no sistema capitalista, até, depois ser engolido nas salas do poder. Um erro constante na história da esquerda mundial.

Não sou contrário na participação dos comunistas nas eleições do sistema eleitoral burguês com lista própria ou em conjunto com outras forças ligadas ao movimento popular. Acho que esse fenômeno deve ser, sempre, uma forma política de agregação onde o potencial revolucionário do PCB se mantém inalterado do momento que aos comunistas nunca será permitido ultrapassar os limites fixados e impostos pela legalidade eleitoral da chamada democracia burguesa.

A experiência bolivariana é, talvez, o único exemplo surgido nos últimos vinte anos, que os comunistas e a esquerda em geral devem estudar atentamente para entender os limites da dita “legalidade institucional do sistema burguês” e, conseqüentemente o significado da ruptura com o “status quo do capitalismo” em um país emergente como a República Bolivariana da Venezuela.

O partido, portanto, é o instrumento para agregar todos os “contrários à ordem imposta pelo capitalismo e pelo imperialismo”. É o momento de encontro dos lutadores sociais. É o local para fazer com que a utopia seja realidade para todos.

Agora, é muito importante que os principais elementos teóricos e analíticos do XIV Congresso do PCB, foram apresentados nas TESES, antecedendo de quase um semestre o debate congressual. Desta maneira o debate sobre a conceição do partido, as análises conjunturais, as devidas autocríticas dialéticas e históricas de simples documentos se transformaram em um material de informação e de formação política dos militantes e dos simpatizantes.

Assim a leitura e a divulgação das TESES centraram seu objetivo principal, do momento que conseguiram promover e garantir novas atribuições teóricas ao processo político do PCB através de um debate ampliado. As TESES não foram a tradicional coletânea de “trabalhos teóricos das tendências” com que o PT nos acostumou durante quase vinte anos.

A experiência das tendências do PT e, mais recentemente do PSOL (também não devemos esquecer as desastrosas experiências do sectarismo filo-soviético e filo-chinês de outros tempos), devem ser o antídoto para que o partido não repita o erro de se transformar em uma federação de tendências — especializadas mais na luta interna que na luta pela ruptura com o capitalismo. E afirmo isso do momento que as tendências, tal como são hoje, na realidade nada são que micros pseudo-partidos, incapazes de sobreviver sem o aparelhismo burocrático implantado no seio movimento sindical, estudantil, com a agravante de crescer por mais 5% de forma se inserir definitivamente nos currais eleitorais da burguesia.

Tendência é, apenas, uma forma agregada de militantes mais conseqüentes que visam promover no partido certo tipo de debate ideológico, sem que isso venha a pôr em risco a unidade e o debate interno no partido.

Hoje a realidade dos novos partidos comunistas é bem diferente do passado. Não só pela evolução constante, rápida e aguerrida do sistema de exploração capitalista, mas, sobretudo pela introdução no processo de lutas de classe de novos fenômenos que visam promover o controle social; que promovem o surgimento de novos elementos conjunturais; que criam novos sujeitos políticos que o academicismo tradicional marxista não consegue individualizar e, sobretudo, demora demasiado em questionar.

É nesta nova realidade que os comunistas devem dar mais atenção ao papel da mídia, entendendo que, hoje, ele, de fato, é um poder, autônomo e independente que não se escreve na tradicional escala dos poderes, mas que, dependendo de sua potencialidade nacional e regional tem a capacidade de interferir na própria definição do poder.

Em segundo lugar é necessário começar a analisar a função da economia ilegal na multiplicação da acumulação e as diferentes relações que são construídas com os Estados ou com setores ligados aos centros de poder dos próprios estados. Desta forma poderemos romper com certas avaliações ufanistas do passado e começar a definir os reflexos que os “trabalhos da economia ilegal” (narcotráfico, contrabando, prostituição, comercio de armas etc.) hoje têm na sociedade abastada e entre os excluídos.

É evidente que a economia ilegal de hoje — dos paraísos fiscais até as bocas de fumo — quase nada tem a ver com o milimétrico Lumpenproletariat que Marx apresenta no primeiro livro do Capital. Igualmente a imprensa liberal que Lênin questionava pelo seu nanismo intelectual, nada tem a ver com os conglomerados midiáticos (CNN, Fox, Globo, Record, Mediaset, Murdok, BBC etc.) especializados em controlar e manipular o pensamento das pessoas.

É portanto, tarefa do partido, através de seu trabalho de continua e permanente análise política e conjuntural, individuar os novos comportamentos dos Estados globalizados, antecipando as formas de luta. Aqui está, em absoluto, a diferencia em fazer “um partido de vanguarda inserido no movimento popular” e um “partido de vanguardas revolucionárias” que ficam distantes do movimento popular. Um partido comunista deve estar à frente das massas, sem cair no elitismo ideológico de “somos o farol da revolução”. Isso porque os diferentes setores do proletariado e do movimento dos trabalhadores, por estar constantemente atacados pela precarização e a flexibilização do trabalho, estão muito mais preocupado com as lutas do dia-a-dia em seu território, do que se mobilizar pelas grandes questões estratégicas nacionais e internacionais que interferem e qualificam as formas de exploração e exclusão.

A tarefa dos comunistas não é a de estar à reboque deste ou de outro movimento de massa. Pelo contrário os comunistas devem estar em todos os movimentos não para ser “a vanguarda que norteia e monitora” como aos tempos do século vinte. Estar nos movimentos é, antes de tudo, entender a natureza e o rumo desses movimentos, para depois qualificar seu potencial de luta em um processo de construção da ruptura. Um processo que — diferentemente das explosões insurrecionais do século passado — passa, antes de tudo pela gradual e contínua formação de quadros revolucionários

e a criação de uma cultura popular apta a recuperar o potencial de luta dos proletários e dos trabalhadores, hoje, manipulados cada vez mais pelos grandes aparelhos midiáticos.

Por isso tudo, é de fundamental importância que o PCB, neste XIV Congresso promova um profundo debate sobre o tipo de partido que os camaradas pretendem construir. Um debate, antes de tudo dialético, capaz de superar as diatribes e os vários “ismos” do passado que – e isso ficou claramente demonstrado – não conseguiram nem organizar e tão pouco nem educar as massas dos explorados em um processo de gradual e constante libertação. De fato, não se trata mais de “re-fundar” um partido comunista que teve um passado glorioso. Trata-se, sim, de se organizar o potencial revolucionário do Partido Comunista Brasileiro em uma conjuntura onde o descenso e a desqualificação teórica invadiram o universo da esquerda brasileira.

Eu espero que este Congresso do PCB seja o início de um novo processo teórico e organizativo para ter no Brasil um partido comunista de novo tipo.

Aos camaradas minhas saudações

Achille Lollo

Rio de Janeiro 29/09/2009